



Os Três Reis de Colônia

JAMES P. O'DONNELL

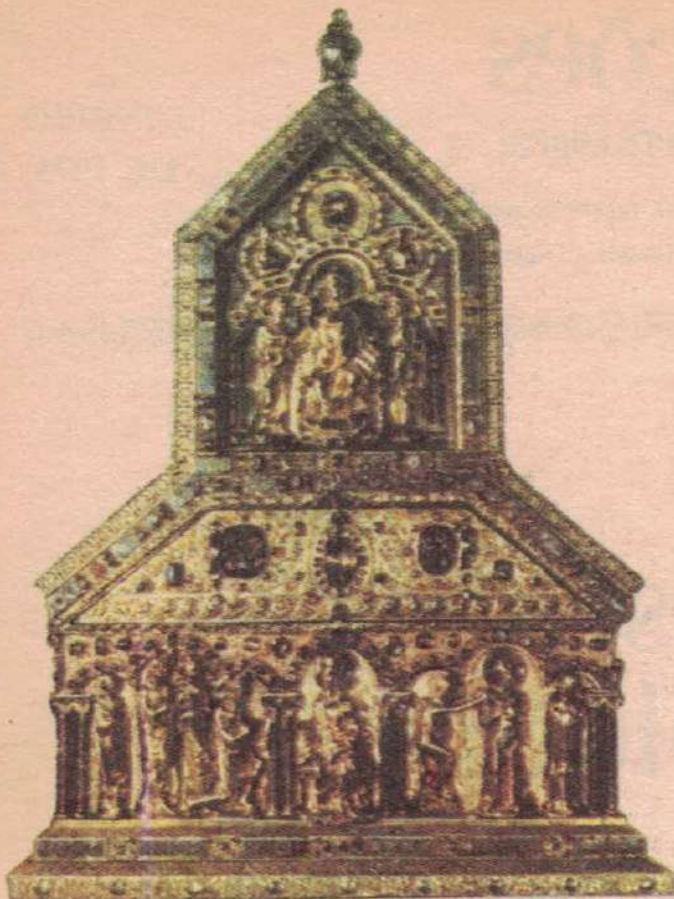
Há cerca de 2.000 anos eles vieram do Oriente;
seu túmulo se encontra hoje no Ocidente.
Sua história também percorreu um longo caminho,
tornando-se um dos capítulos mais
populares das nossas tradições natalinas

HÁ ALGUNS ANOS, numa viagem que fiz a negócios, meu carro enguiçou na *autobahn* coberta de neve e eu fiquei retido na cidade de Colônia. Estava sozinho, era véspera de Natal, e, para matar o tempo, comecei a perambular pelas ruas.

Já era noite, e ao lado de ruas estreitas avistei a grande cúpula da Catedral de Colônia, que se esvaziava lentamente, à medida que

as pessoas se recolhiam por trás das vidraças congeladas de suas casas, para as festas de família. Caminhei em seguida, durante algum tempo, ao longo da velha Muralha Romana de Colônia, uma cidade alemã que já tinha mais de 1.000 anos de idade antes da fundação de Berlim ou de Munique.

Chegou, afinal, a hora da Missa do Galo. Senti, com isso, desaparecerem o frio e a solidão, pois encon-



DPA-BILD. FRANKFURT

Detalhe do Santuário dos Reis Magos, na Catedral de Colônia. Ao alto, Jesus é o Juiz. Embaixo, os Reis Magos aproximam-se da Virgem que tem o Menino ao colo

trei dentro daquele vasto edifício gótico o verdadeiro espírito acolhedor do Natal: a multidão de fiéis, os cálidos sons do órgão espalhando-se pelas arcadas, as luzes de centenas de velas afiladas refletindo-se nos vitrais das janelas.

Sentado junto ao presépio, sentia-me satisfeito, pelo menos, quase satisfeito, pois vagamente, de uma certa forma, parecia-me estar faltando alguma coisa. As imagens da Virgem e do recém-nascido lá estavam, São José ao seu lado, bem no centro do estábulo, como para lembrar-nos de que, naquela noite, não tinha havido lugar na estalagem. Mas nada de Estrela de Belém, nem

qualquer referência aos Reis Magos.

Fiquei desapontado como uma criança. Na manhã seguinte, vagando pela nave da catedral, deparei com um padre alemão, homem simpático, no começo da meia-idade, e não pude esconder-lhe a minha curiosidade quanto àquela falta que já havia notado na véspera. «Não estão os Reis Magos?» indagou ele com ar estranho e brincalhão. E levou-me até um grande santuário dourado, que ficava bem atrás do altar-mor. «Nós os chamamos os Três Reis», disse ele. «Os restos mortais se encontram neste santuário e aqui jazem há mais de 800 anos. Esta é a razão pela qual nós nunca nos damos ao trabalho de reproduzir as suas figuras no nosso presépio.»

«Não há a Estrela de Belém?» Ele guiou-me, gentilmente, até à grande porta que ficava do lado de trás. Vista de fora, para um observador menos atento, a Catedral de Colônia possui apenas duas torres gigantes. Na realidade, porém, existe uma terceira, menor e mais esguia, bem acima da interseção da nave. Na extremidade superior, ela ostenta uma grande estrela dourada, com várias pontas, de 1,70 m de diâmetro, colocada a 109 metros acima do presépio. «Aí está a Estrela!» disse o padre em tom cordial e triunfante, e desejou-me um Feliz Natal.

Tranquilizado, decidi voltar ao meu quarto de hotel. Contudo, a história dos Três Reis Magos não me saía da cabeça. Antes de adormecer, passei ligeiramente a vista por um exemplar da Bíblia Interna-

cional de Gideon, que encontrei sobre a mesinha-de-cabeceira, e comecei a ler o capítulo II, versículos 1 a 12, do Evangelho de São Mateus. Não tardou muito que ficasse perplexo. Não havia uma só referência a reis, apenas a homens sábios. Nenhum nome — Melchior, Gaspar ou Baltasar — ou sequer a informação de quantos foram esses homens sábios — apenas que se tratava de mais de um e que traziam três presentes. Quanto à estrela, dir-se-ia melhor um cometa.

Antes de deixar Colônia, fui novamente à catedral, para esclarecer com o padre essas questões. Conforme apurei depois, Dom Joseph Hoster, autor de um livro sobre a Catedral de Colônia, era uma das maiores autoridades mundiais no assunto dos Reis Magos. Naquele momento, tinha sob a sua guarda o relicário dos Três Reis. Sorridente, ele me confiou: «O relato do Evangelho sobre o assunto apenas fornece os primeiros dados para a investigação de uma espécie

A Adoração dos Reis Magos, de Dürer



de história sagrada policial.» Gradualmente, com o correr dos anos, aprendi como esses versos tão simples da Bíblia foram se enriquecendo e enfeitando, na sua viagem através dos séculos, até se transformarem numa das mais fascinantes lendas medievais.

A versão que conhecemos da história dos Reis Magos remonta ao Império Bizantino, nos começos do século IV. Santa Helena, uma fervorosa cristã convertida, dedicou o resto da sua vida à procura de relíquias sagradas. Reza a lenda que ela acabou por descobrir os corpos dos três Reis Magos, separadamente, em três diferentes países do Oriente. Fez desenterrar os corpos e embarcou-os para Constantinopla. Aí ficaram durante três séculos, quando foram removidos para a Igreja de Santo Eustáquio, perto de Milão, onde permaneceram por mais 500 anos.

Os esqueletos descobertos por Santa Helena eram conhecidos como os «magos» ou os «homens sábios». A palavra «mago» designava, na Pérsia, uma casta sacerdotal muito versada em astrologia e ciências e com um profundo conhecimento das religiões. Como os três homens vieram do Oriente, guiados por uma estrela, para venerar o Rei dos Reis, foram tomados por todos como magos. Nas primeiras manifestações da arte cristã primitiva em que o tema dos Magos foi representado, o número deles variou de dois a 12. No século V, todavia, o Papa Leão Magno argumentou

que, tendo havido três presentes, o mais lógico seria que três homens destemidos os tivessem trazido. Daí por diante, o número três foi geralmente aceito.

Se, portanto, o consenso geral passou a admitir a existência de Três Reis Magos, então eles deviam ter tido nomes. O venerável Beda, escritor inglês do início do século VIII, é conhecido como um dos primeiros a empregar os nomes que nos são hoje familiares. «O primeiro dos Magos julga-se ter sido Melchior, um homem idoso, de cabelos brancos», escreveu Beda. «O segundo, Gaspar, era um jovem ainda imberbe, de tez avermelhada. O terceiro, de cabelos pretos e barba cerrada, atendia pelo nome de Baltasar. Melchior trouxe ouro de presente para o Rei, Gaspar trouxe incenso para o Deus e Baltasar trouxe mirra, simbolizando a mortalidade do ser humano.»

O processo de caracterização dos Magos havia começado. O gradual escurecimento da pele de Baltasar é um bom exemplo de como a cultura, aliada à imaginação, pode muitas vezes dar margem a uma inspiração proveitosa. Só porque o venerável Beda tinha descrito um Baltasar moreno, alguns artistas de mente criadora, sequiosos de novidades, concluíram precipitadamente que ao menos um dos Magos deveria ter sido mouro, ou até mesmo um homem da raça negra.

O Mago negro começou a aparecer nos murais e baixos-relevos a partir do século XIV, e atingiu o

auge da sua expressividade na obra-prima de Albrecht Dürer, dois séculos mais tarde. Dürer, natural de Nuremberg, parece ter pintado os seus africanos ao vivo, ao passo que os artistas dos séculos anteriores e aqueles que se dedicavam aos vitrais das catedrais tinham apenas uma vaga noção de como seria realmente a fisionomia de um negro.

Mas como foi que três cavaleiros que eram, de início, considerados apenas homens sábios, puderam transformar-se em reis?

O Dr. Herbert Rode, colega do Padre Hoster, explica que Tertuliano, um erudito cartaginês do século III, foi provavelmente o primeiro autor a dar aos Magos o título de Reis. Embora esta versão não tenha sido em geral aceita durante algum tempo, divulgou-se rapidamente na Alemanha. Os reis germânicos durante anos homenagearam com presentes a supremacia dos imperadores romanos; era, pois, muito natural para os alemães que os Três Reis venerassem com ricos presentes a sua autoridade divina.

E a Estrela? Este debatido tema não foi cientificamente investigado até ao século XVII, quando o astrónomo Johannes Kepler fez cálculos que se reportaram a mais de 1.600 anos e localizaram, com exatidão, uma luminosa e rara conjunção de Júpiter e Saturno, na época do solstício de inverno, mais ou menos a 22 de dezembro — embora isso se tivesse passado no ano sétimo antes de Cristo.

Durante todo esse tempo em que a

lenda ganhava relevo e colorido, dormiam as relíquias dos Magos, pacatamente, na Igreja de Santo Eustáquio. Foi então, em 1164, que o mais poderoso de toda uma longa linhagem de prelados políticos de Colônia, o Arcebispo Conde Rainald von Dassel, resolveu interessar-se pelo assunto. Quando o imperador alemão Frederico I (cognominado o Barba-Roxa), pôs cerco à cidade de Milão e, finalmente, acabou por incendiá-la, o Arcebispo exigiu as relíquias dos Magos como legítima presa de guerra. Depois de uma longa marcha através dos Alpes e outra cruzando a Borgonha, os cavaleiros de Von Dassel depuseram os despojos sagrados sobre uma barcaça e conduziram-nos, com grande pompa, pelo Reno abaixo. O povo de Colônia aguardava às margens do rio (mensageiros enviados na frente espalharam a boa nova), e uma procissão triunfal acompanhou as relíquias até ao local do seu repouso definitivo, na catedral carolíngia do século IX.

(Os europeus têm boa memória. É curioso observar a frequência das estalagens denominadas «Três Reis» ao longo de todo esse percurso, desde a Itália, através da Borgonha, até à Alsácia e à Renânia, como marcos da memorável jornada medieval.)

Um dia perguntei ao Padre Hoster a sua opinião sobre esses numerosos acréscimos que a história dos Reis Magos veio sofrendo através dos séculos. Ele sorriu amavelmente: «As Sagradas Escrituras devem ser encaradas a sério, mas nem sempre

ao pé da letra. Não se pode tomar as figuras históricas dos Reis Magos no mesmo sentido que as de Herodes ou Pôncio Pilatos, ou a de Jesus. Contudo, as alegorias e as parábolas são também formas de verdade. E, se você ler com cuidado o Evangelho de São Mateus, verá que todos os passos dados pelos Reis Magos correspondem a uma autêntica profecia do Velho Testamento.» Se, porém, os Magos não devem ser tomados literalmente, então pode ser que a história dos seus restos mortais, guardados neste santuário, não passe também de uma alegoria. Fiz essa pergunta sem rodeios ao Padre Hoster. Ele esclareceu: Durante um trabalho de restauração, há alguns anos, ele havia presenciado a abertura do relicário. Num compartimento dianteiro viam-se os três crânios, cada qual no seu nicho forrado de veludo. Por trás deles, num pequeno esquife, estavam os esqueletos, os ossos enrolados separadamente em panos de seda.

O santuário dos Três Reis Magos, pesando 350 quilos, é hoje o maior sarcófago talhado à mão em todo o mundo cristão. Danificado no começo da Segunda Guerra Mundial, ao ser trasladado para um local mais seguro, foi, a muito custo, restaurado, e pode agora ser visto, através de vidros à prova de roubos, bem atrás do altar-mor e por baixo da cúpula da catedral.

Talhado sob a forma de uma basílica em miniatura cravejada de pedras preciosas, é o requinte artístico máximo dos prateiros e ourives

medievais. Os Reis e a Madona são feitos em folhas de ouro, enquanto as 28 estatuetas dos apóstolos e profetas, com cerca de 32 centímetros de altura, são de prata, com banho de ouro. As melhores dentre elas são obra de Nicolas de Verdun, artista assombroso, que deixou sua marca em várias catedrais construídas naquela época.

Desde 1220, concluído o santuário, uma multidão de peregrinos tem sido constantemente atraída pelo seu tamanho invulgar e resplandente beleza. Em 1248, os burgueses abastados da terra decidiram construir um monumento apropriado para abrigar essa notável obra de arte. Puseram abaixo a velha catedral e levantaram a presente estrutura no mesmo lugar. Hoje, mais de um milhão de visitantes vêm, todos os anos, admirar respeitosamente sua majestosa altivez.

Além disso, os seus Três Reis continuam a causar uma profunda impressão em todo o mundo e a influir, de várias maneiras, na celebração do Natal, que assume por vezes aspectos locais inusitados. Na Renânia, as crianças reviveram o antigo costume do «Canto à Estrela». A 6 de janeiro, vestidas de Reis Magos, saem de porta em porta, pedindo auxílio para comprar pão para crianças famintas das áreas subdesenvolvidas do mundo, incluindo aquela de onde muito provavelmente vieram os Três Magos.

Não há dúvida de que os Três Reis dariam a esta iniciativa a sua aprovação integral.

66 Entre Aspas 99

NENHUM homem é completo em si mesmo: seus amigos fornecem o que falta. — H. E. F.

UMA MULHER atinge realmente a condição de feminista militante quando é *ela* que esquece o aniversário do seu casamento. — H. A.

TOLERAMOS divergências de opinião em pessoas que nos são íntimas. Mas divergências de opinião de pessoas que não conhecemos soam-nos como heresia ou complô. — B. A.

AS ESCOLAS ainda funcionam como se todas as mães passassem os dias em casa e se a família toda precisasse do verão para fazer as colheitas. — S. C.

O INSTINTO é o olfato da mente. — Madame de Gerardin

MINHA IDÉIA de uma sociedade liberal é uma sociedade na qual se pode ser impopular impunemente. — *The Wit and Wisdom of Adlai Stevenson*

QUANDO você obtiver alguma coisa de graça, é porque a conta ainda não veio. — F. P. J.

É INÚTIL lançar exércitos contra ideais. — George Brandes

NÃO HÁ ninguém mais irritante que alguém com menos inteligência e mais bom senso que nós. — D. H.

OS JOVENS estão à procura de novas respostas — para poderem contestá-las. — W. K.

TALVEZ nenhum outro fenômeno contenha tantos sentimentos destrutivos quanto a «indignação moral», que permite à inveja e ao ódio exprimirem-se livremente disfarçados em virtude. — Erich Fromm

UMA VEZ num século um homem pode ser arruinado ou tornar-se intollerável por elogios. Mas a verdade é que todo o minuto algo de generoso perece por falta deles. — John Mansfield